

«**DIOGO-CAÃO**»

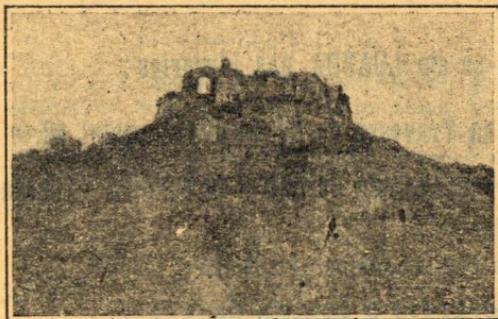
Revista Ilustrada

— de —

Assuntos Históricos Angolanos

(COM TÔDAS AS LICENÇAS NECESSÁRIAS)

— COLABORADORES — SELECCIONADOS —



— SUMÁRIO —

Os Portuguezes e os Franceses - No reinado de Carlos VIII
- Os piratas franceses nas costas de Portugal - O joven mar-
rinheiro Vasco da Gama... - Alé... um papagaio!!!... - H stó-
ria Geral das Guerras Angolanas - Catálogo dos governa-
dores de Angola - Francisco de Távora - Pedro César de
Meneses - História Eclesiástica - Muxima - Festa da Pa-
droeira - Centúria Religiosa (1833-1933) - A história oficial...
Dom frei Alexandre - Em Luanda - Doença-do-sono - Bole-
tim Oficial - Reino-de-Congo - O cavalo marinho

TIRAGEM: 1.000 EXEMPLARES

LISBOA

— 1934 —

«DIOGO-CAÃO»

== CAIXA POSTAL 362 ==

— LISBOA —

DIRECTOR, REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR e PROPRIETÁRIO

PADRE MANUEL RUELA POMBO

Missionário aposentado de Angola e Aluno do Curso
Superior de Bibliotecário-Arquivista

Vende-se em LUANDA, nas Livrarias :

MINERVA, na Travessa da Sé — Caixa postal 42.

LUSITANA, na Avenida de Salvador Correia — Caixa postal 291.

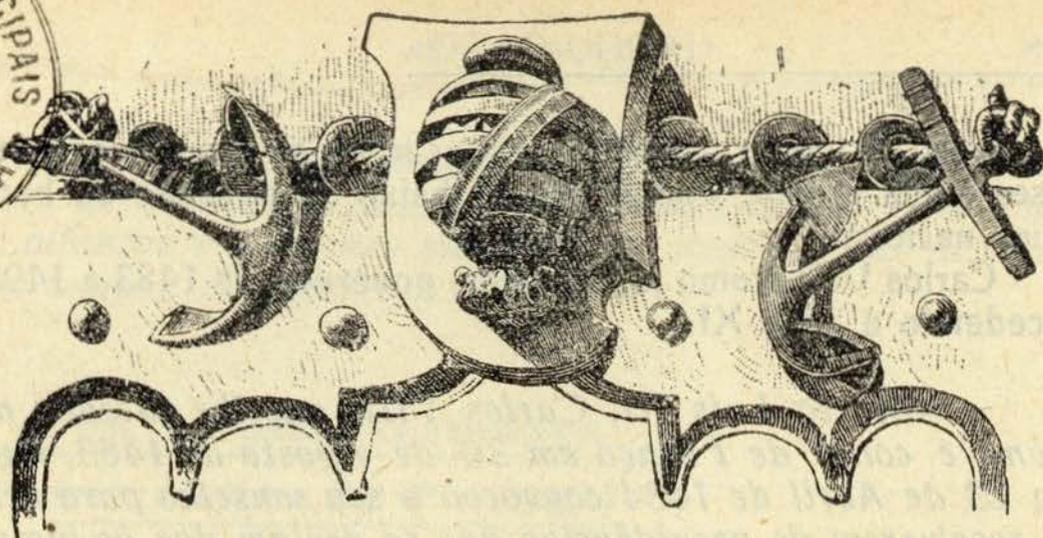
Preço do número avulso	5,00
Pelo correio e registado.....	6,00

Também ali se encontram à venda números da I série

Vendem-se algumas colecções da I série :

Os 10 números em brochura.....	55\$00
Num volume cartonado	60\$00

Número avulso da II série, em Lisboa 3\$50



QUESTÕES MARÍTIMAS INTERNACIONAIS

III

Os Portugueses & os Franceses

— Les français n'eurent part ni aux grandes découvertes, ni aux inventions admirables des autres nations... ; ils faisaient des tournois pendant que les portugais et les espagnols découvraient et conquéraient les nouveaux mondes à l'orient et à l'occident du monde connu.

VOLTAIRE.

Primeira época

CAPÍTULO I

NO REINADO DE DOM JOÃO II

AGOSTO DE 1481 A OUTUBRO DE 1495

(Continuação da página 166)

1 — No reinado de Carlos VIII



NA VERDADE, O NOSSO REI dom Afonso V foi tam liberal para com a nobreza que seu filho dom João II se lamentava de que lhe deixara de herança somente as estradas e caminhos de Portugal..

Com braço forte, dom João II cortou os grandes abusos ; abateu os orgulhosos nobres ; levantou o povo ; soube desenvolver e aproveitar-se dos frutos das nossas expedições marítimas.

Luís XI tentou, em vão, agrupar todos os armadores franceses numa grande companhia, debaixo do pavilhão ou bandeira nacional.

Carlos VIII, como já dissemos, governou de 1483 a 1498, sucedendo a Luís XI.

— *«Morto Luís XI, Carlos VIII, que lhe sucedeu no trono e corôa de França em 30 de Agosto de 1483, logo em 23 de Abril de 1484 convocou o seu conselho para nele se resolverem as providências que se deviam dar às justas queixas do Embaixador de Portugal, Fernão Álvares, das quais era constante que muitos dos vassallos de França, feitos piratas, faziam guerra a quantos no mar encontravam; e ali foi decidido que, podendo-se de tais procedimentos seguir-se gravissimos inconvenientes tanto para a própria França como para os aliádos dela, se determinava el-rei Carlos VIII:*

Primeiro — *a passar cartas-patentes a todos os Almirantes e outras Autoridades e Justiças dos pórtos de mar, ordenando-lhes que dali em diante não consentissem que nenhum mestre ou capitão de navio saísse dos ditos pórtos sem haver primeiro prestado fiança idónea, e obrigando-se a não fazer dâno aos navios dos aliádos de França;*

Segundo — *que se enviaria um Rei-de-Armas a El-Rei de Portugal com cartas de El-Rei de França dando-lhe parte das providências que dera, afim que, em Portugal, se mandassem passar iguais cartas-patentes, para segurança dos vassallos da corôa de França.*

Por êste interessante documento se vê que o nosso Embaixador havia apresentado vários capítulos, queixando-se de algumas depredações e tomadias, e que o Governo Francês, desejoso por uma parte de se conservar em boa intelligência com Portugal, e por outra parte de regular as relações comerciais entre ambos os países, assentara naquele mesmo conselho: seria franca e livre a comunicação e permutação dos gêneros e fazendas entre os vassallos das duas Corôas...

Em conseqüência desta resolução, mandou Carlos VIII, em 6 de Setembro, passar uma carta-patente, renovando as alianças e amizades que entre as duas Corôas de antigos tempos existiam...» —

2 — Os piratas franceses, nas costas de Portugal

Em Setembro de 1484, durante a regência da rainha dona Leonor, espôsa de El-Rei dom João II, deu-se uma pequena questão, que não passou do princípio, com piratas franceses, como se vê ou deduz de uns documentos, que Freire de Oliveira publica às páginas 350 e 351 do tomo I dos — «*Elementos para a História do Município de Lisboa*».

A Rainha dona Leonor escreveu de Setubal, onde assistia, uma carta em 23 de Setembro, para que a Câmara de Lisboa a fizesse chegar às mãos do corsário João Bretão, que estava escondido na baía de Cascais, à espéra de dois navios ingleses que vinham carregados de panos para o pôrto de Lisboa.

Em 1485, os franceses roubaram no cabo de Sam-Vicente 4 galés de Veneza, ricamente carregadas, que navegavam com destino aos pôrtos de Flandres.

3 — O joven marinho

VASCO DA GAMA...

No ano de 1492, marinheiros franceses cometeram o abúso de tomar ou pilhar uma caravela portuguesa que vinha da Mina para Lisboa com preciosa carga.

O nosso rei dom João II, logo que teve conhecimento de tam desagradável incidente, mandou não só tomar dez naus de França, que estavam carregadas de fazenda no pôrto de Lisboa, como também embargar a saída de outras do rio Douro, de Aveiro, de Setúbal e do Algarve.

O sr. comandante Quirino da Fonseca, no seu preciosíssimo livro—*Os Portugueses no Mar*, narra este facto assim :

— «*Das enérgicas resoluções de dom João II, mesmo affectando o bom entendimento com estados poderosos, é exemplo a rápida confiscação, por êle ordenada em 1492, de dez grandes naus de França que se encontravam com valiosa carga no pôrto de Lisboa, outro tanto mandando proceder com todos os navios da mesma nacionalidade que fôsem achados nos outros portos do Reino.*

Contra a opinião do próprio Conselho formado pelos principais da Córte, isto decidiu o rispido Monarca, em represália dos Franceses lhe haveram tomado uma caravela da Mina, com muito ouro.

Nestas diligências violentas participou o resolute VASCO DA GAMA, ainda longe da aura gloriosa de navegador emérito, porém tido já como sabedor das coisas do mar e capitania de gente embarcada...» —

A êste nosso estudo é alheio o descobrimento da América, por Cristóvão Colombo, bem como a contenda com Castela, resolvida pelo célebre tratado de Tordesilhas, de 7 de Junho de 1494.

4 — Até... um papagaio!!!...

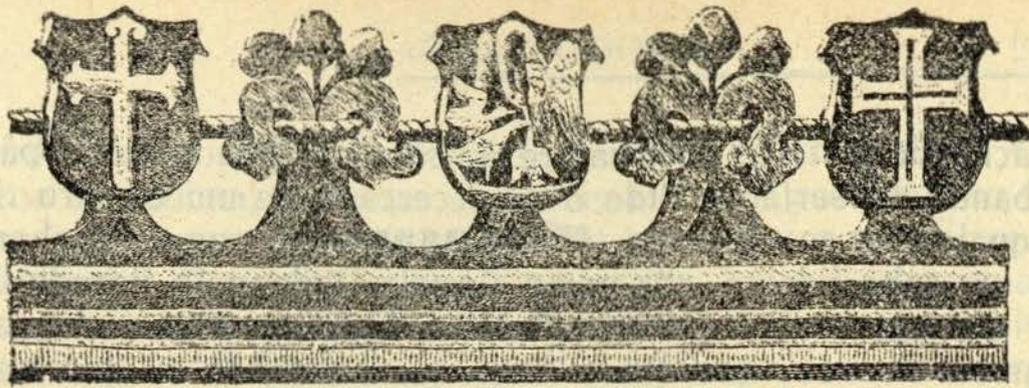
Por sua vez, Carlos VIII apressou-se a dar plena satisfação do insulto e fez restituír tóda a prêsa.

O nosso rei dom João II foi tam severo que sòmente levantou o embárgo depois que foi entregue um simples... papagaio, que faltava!!!...

— «*Hecha la restitution de la caravela, se halló que faltava un papagayo... no quis El-Rey que se alevantase el embargo a los navios franceses, sin que el papagayo fuesse restituído...».* —

Na verdade, el-rei dom João II sabia não só cultivar a paz com a França, como também não admitia qualquer falta de consideração.

(Continua).



HISTÓRIA GENERAL

— DAS —

GUERRAS ANGOLANAS

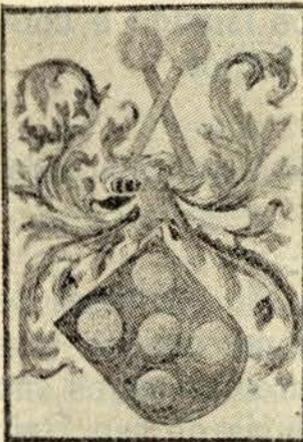
Tômo primeiro

PRIMEIRA PÁRTE

(Continuação da pág. 236)

Capitulo terceiro

18. — Nas margens do rio Lucala, afluente da margem direita do rio Quanza. — *P. P.*



VENDO PAULO DIAS DE NO-
vais a notável resistênciã que
aquela máquina de gentios lhe faziam, por
mais que neles matavam, mas como era
tanta a multidão e o mandato expresso de
seu Rei, tendo muita da nossa gente morta
e ferida e com o ânimo cansado de tam
contínuas pelêjas, faltos de todo o necessá-
rio, assim do sustênto como de que se ves-
tirem, e divisando da banda onde estava
com a sua conquista, que era a banda do
caudaloso rio chamado Lucala, o qual vínha ali oferecer suas
águas àquele potente rio Quanza, e que, onde se metia êste
rio no outro, fazia modo de ilha de rochedos, sítio forte e
iminente, — se resolveu a passar a êle, como com efeito o fez,

e achando-o forte por natureza, só com uma entráda pãra a banda do sertão e tudo o mais cercado de um e outro rio, o qual sítio se chamava **Maçangano**, terras e senhorio de um soba fidalgo, por nome Angola-Quilongola, ficando-lhe ao pé um braço que ali divide o Quanza, a que chamam Samba-Quanza, que quere dizer que vai sendo ou quere ser outro Quanza, ficando uma ilha em meio que divide a mãe do rio e o seu braço, e a chamam no tempo de hoje a ilha de Fernando, não de Noronha, senão de Rodrigues.

19. — Fundação do presídio de Maçangano — *P. P.*

Em êste sítio, por forte e capaz, Paulo Dias de Novais se tratou de fortificar e fazer ali praça de armas e alojamento, e dar um pouco de descanso à sua gente, porque, pãra chegarem com a conquista a Maçangano, onde agora se achava, que se fazia 40 léguas do pôrto de Luanda, de onde havia saído, — se gastaram anos, como assim o contavam antigos Conquistadores; e aos palmos, com um derramamento de sangue, trabalhos e fome, foram ganhando o até ali conquistado, que só o valor português e sua constância poderá suportar tantas misérias e trabalhos, por exaltarem a Santa Fé Católica e serviço de seu Príncipe; e, enquanto se fortifica o nosso Conquistador no alojamento de Maçangano, faremos declaração dos fidalgos sobas, de que vimos falando e conquistando, pãra mais intelligência do curioso Leitor.

20. — Fidalgos pretos das vizinhanças de Maçangano. — *P. P.*

Os sobas e fidalgos, de que se trata, são senhorês de terras e vassallos, como condes e marqueses, mas têm uma potestada superior, que é: que em suas terras são senhores de barão e cutelo, sem dependência de seu Rei; sós, determinam os casos acontecidos entre os seus vassallos, com os macotas mais antigos ou officiaes de sua casa e banza, que têm os mesmos nomes que os da pessoa do Rei, como são Angola-Ambole, Tandala, Muene-Lombo, Muene-Mosete, Mueniquizocola, e outros officiaes, mas, como se tem já decla-

rado, quando se falou do Rei, o que êstes cargos eram, e como que entendiam, — seguem os costúmes e ritos genílicos na adoração de seus ídolos, fazendo-lhes oferendas e sacrifícios, impetrando dêles saúde pãra seus males em xaquetamentos, e lhes fala como oráculo o que hão de fazer em seus males e doenças, e os paus e ervas de que hão de usar, e o mesmo lhe dizem os **gangas**, que são os seus adivinhos, que têm mais familiaridade com o pai das maldades e assim os engana, levando-os à sua perdição.

Macotas — é a gente principal de suas terras.

Banza — é a povoação e cása dos mesmos sobas.

Libatas — são as cásas e povoações dos seus principais vassallos.

Xaquetar — é quando chamam e invocam o diabo, pãra lhes dar remédio em seus males ou lhes dar distinção a suas consúltas.

Têm também muitas concubinas por mulheres, e filhas de outros sobas e fidalgos como êles; e os que precedem nos morgados e sobados, são filhos da mulher principal chamada Evala-Inene, e secundariamente da Samba-Ingile, como se têm dito de seu Rei; o mesmo imitam êles, tendo o mesmo govêrno em suas terras, e no maiso obedecem como seus vassallos.

21.—A primeira Ermida de Maçangano com a invocação da Senhora do Rosário. — P. P.

Tendo o governador e capitão geral Paulo Dias de Novais feito a fortificação e repáro pãra se defender de tam numeroso gentio, o que fez com muito trabálho e fadiga, sendo os valerosos Portugueses os que tinham assistido com suas mãos a fazer as taipas de pilão e sendo êles os taipeiros e os que trabalhavam em tudo o mais necessário, fazendo Igreja e Cása de Deus e à sua Santíssima Mãi, advogada nossa, com a invocação de Senhora do Rosário; estando junto com as ármãs nas mãos, defendendo-se de tanto gentio, de que estavam cercados, não levando em paciência serem dominados por gente católica lusitana, e se atreviam a tanto que das mesmas sentinelas ou guaritas os levavam prisioneiros, vingando suas raivosas entrânhas em os que lhes caíam nas

mãos, frechando continuamente com suas agudas frechas aos nossos, não sendo senhores de sair fóra das trincheiras e buscar lenha ao máto e a outros ministérios que não fôsem logo aprisionados, mortos e feitos em pedaços, o que já não faziam os nossos Portugueses senão com muita prevenção e boa escóla, indo gente que os pudesse resistir, que, ainda que lhe matavam muitos, sempre persistiam contra nós em sua defesa.

22. — A calamidade da fome. Abundância de abóboras doces. — *P. P.*

Chegaram neste sítio de Maçangano a grande extrêmo de fome que não tinham que comer e, vendo a grande necessidade em que estavam, se afoitaram em passar o braço, que dito é de Samba-Quanza e irem àquela Ilha, que está em frente, ver se achavam alguma coisa de verdura com que fôsem alimentando a vida.

Permitiu a Divina-Providência, — que com ela se sustenta a mais mínima formiga, como no-lo ensina o douto varão frei Luís de Granada, no Símbolo-da-Fé que compôs, — deparar-lhes, em tanto extrêmo de fome e miséria, algumas abóboras das que chamam meninas, e virem delas carregados, e, com a canoa, em que haviam passado, bem provida que parece que alguns dos gentios, que naquela Ilha cultivavam, tinham ali deixado aquela semente, que milagrosamente produziu, pãra desta sorte acudir àqueles famintos Portugueses, vindo êstes exploradores, que se não trouxeram a rasoira de uvas, trouxeram mui doces abóboras, o que vendo os que tinham ficado no alojamento, perguntaram se ficaram mais, e êles, que tinham vindo, certificaram: tinham trazido tôdas as que na Ilha havia.

Com todo êste dizer, confiados na Graça-Divina, que por aquele estilo os queria socorrer, foram e trouxeram, dizendo também o mesmo que tinham dito os primeiros, que sem dúvida a Onipotência-de-Deus as produzia de noite pãra as colherem de dia; e assim foram continuando muitos dias, sustentando sua fome milagrosamente, do que davam muitas graças a Deus e à sua Mãi Santíssima por tam assinaladas mercês, e vendo o valeroso Paulo Dias de Novais os seus animosos e afligidos Portugueses, trabalhados com tantas misérias,

lhês dizia o que canta o Príncipe dos Poetas — Luís de Camões, em o cânto sétimo e oitava terceira :

Vós, Portuguezes, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais ;
Vós, que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais :
Assim do Céu deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na Santa Cristandade,
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade !

23. — A batálha de 2 de Fevereiro de 1583. — P. P.

Estando o nosso exforçado Conquistador oprimido de tanta immensidade de gentio, que de numero não tinha cõto, impetrando a Graça-Divina, se deliberou a sair em campo com a possibilidade que tinha de gente, que mais parecia temeridade do que exforço, mas, confiado na protecção da Mãe de Deus, Rainha dos Anjos, saiu de seu alojamento de Maçangano, deixando a guarnição necessária à defesa das trincheiras, representou em campanha rasa batálha àquele immenso gentio, os quais a não refugaram, antes era o que mais desejavam.

Nesta occasião, fizeram os portuguezes feitos assinalados com seu caudilho, que com seu valor a todos se avantajava, mostrando sua disposição e exforço, o que nele era bem conhecido e claramente, no conflito de tão animada batálha, ajudava Deus aos portuguezes ou seu poderoso braço, que mal se pudera conseguir a vitória que nesta occasião houve, se isso não fôra, pois se viu muitos daquêles gentios atravessados de suas próprias frechas e azagaias e a campanha tôda coberta de milhares dêles.

Quis Nosso-Senhor mostrar o seu divino poder contra êstes bárbaros idólatras, inimigos de seu santo nome, assim como o havia mostrado quando aquele descendente dos Godos Dom Pelaio, como o relata a Crónica de Espanha, (Crónicas de Mariana e Garivai), teve daquelas covas de que havia saído das montanhas de Oviedo àquela primeira batalha contra tanta immensidade de gente agarena, inimigos da Fé de Nosso Senhor Jesus Cristo mostrando seu divino poder em

favor da gente católica, achando se muitos passados das suas próprias armas, assim foi servido mostrá-lo com os portugueses em êste tamanho e arriscado conflito, sendo o nosso poder tam desigual que havia para cada português não um cento se não mil, que tanto era o imenso gentio que nesta ocasião se ajuntou, cuidando de nos acabarem e cortarem o passo às nossas empresas e apelidando e impetrando em tanto apêrto a **Senhora-da-Vitória**, Mãe de Deus e Rainha dos Anjos, com o que logo se viu o seu angélico favor, começando aquela Ambundaima a ir desfeita e desbaratada, e os nossos portugueses em seu alcãce, matando a muitos e cantando tam singular vitória, atribuindo os nossos tudo a favor do Céu, que as suas limitadas fôrças não bastavam, não deixando os portugueses de experimentar alguma gente morta e muito sangue derramado, na campanha, de suas frechas e azagaias ; e, para que ficasse memória de tam grande e assinalada vitória, tomaram dali por deante por Patrona de suas empresas à Senhora da Vitória, dando êsse nome à Igreja que lhe fabricaram, dentro do alojamento de Maçangano.

24. — Mortandades, nas margens do rio Mucoso, na hoje chamada região de Dondo. — *P. P.*

Indo prossequindo a conquista dêste Reino de Angola, ficando aqueles inimigos não tam afoitos em razão da grande perda que haviam tido de muito e inumerável gentio, — se esforçou o nosso Conquistador a ir por deante com seu intento e emprêsa começada, marchando com seu exército do alojamento de Maçangano, andando uma jornada até o rio Mucoso, terras do soba Quilonga-Quiabungo, bem conhecida uma e outra cousa do nosso Conquistador, pois ali tinha escapado e estado escondido por mandado daquela Infanta, filha do rei de Angola, onde o livrou com vida e a seus companheiros a sua compaixão amorosa, saindo daquele sítio em a canoa, como dito é em o I capítulo desta história e sua primeira parte ; e, como era já falecido o soba, a quem devia aquele affecto e hospedagem e juntamente a filha do Rei, que sempre usou com um e outra de benevolência, em agradecimento do benefício recebido, — êste que de presente possuía aquele senhorio se incorporou com outros fidalgos sobas cha-

mados os do Musseque, muitos e de grandes terras e vassallos, com os quais teve o nosso exército muitas batalhas e encontros, e custou muito sua conquista, por serem suas terras e senhorios de muitos matos cobertas e grandes barrocas, e não podiam obrar o nosso General com a sua gente ao seu desejo; e se entende: fez ali povoação; e diziam os antigos conquistadores fôra tanta a matança em aquele basto gentio que mandara o nosso Conquistador a Portugal dois barris de narizes e orelhas do gentio que se havia morto naquelas batalhas e recontros em os sobas e fidalgos daquelle Musseque e Gango, onde há uma paragem ou sítio sôbre o Quanza, a que chamam o presídio velho, que está desbaratado perto do presídio e fortaleza, que hoje temos, de Cambamhe, que ao deante se dirá quem a fundou; e o sítio, onde havia estado primeiro, se chamava Cambure.

Esta matança se chamou entre o gentio, o *Casaxi*, que quiere dizer degolação de gente; e assim, para afirmar êste gentio alguma coisa com juramente, diziam *Mucasaxi*.

25. — No sítio de Calomba. — P. P.

Sucedeu haver neste sítio outra mortandade tamanha, a respeito que havia em um sítio, a que chamam a Calomba, uma árvore de seu Quilombo, onde lhe falava o diabo, e, sôbre ganharmo-lo, perecia muito gentio sôbre êle.

Também diziam, de que há escritura, que neste Musseque ou mais pela terra dentro fizera o nosso Conquistador uma povoação ou cidade de que não há notícia do sítio ou onde fôsse, que, como os Portugueses fôssem em suas conquistas e empresas mais amigos de obrar que de escrever seus feitos e proezas, — muitas coisas ficaram no livro-do-esquecimento, como até agora tem ficado o que obraram na conquista destes reinos, que foi a principal causa do Autor desta História tomar esta empresa e canseira à sua cônta, para que totalmente não ficasse tudo no esquecimento.

Dêste descuido se queixam os nossos historiadores, principalmente Manuel de Faria e Sousa, sendo êle o que mais esquadrinhou e falou ao certo sôbre a nossa Lusitânia e princípios do nosso Reino de Portugal e seus sereníssimos Reis, ainda que não fôsse em tudo, mas em parte do que lhe veio a notícia.

26. — Morte de Paulo Dias de Novais. — P. P.

Havendo chegado o nosso primeiro conquistador Paulo Dias de Novais à paragem do Musseque e seus sobas, como dito é, sendo avassalados muitos daqueles sobas e fidalgos à Real Coroa de Portugal, e fatigado de trabalhos e do muito que havia obrado nesta Conquista do Reino de Angola, — pagou o tributo à Parca, a que esta condena todo o vivente.

Venturoso daquele que vive bem e acaba melhor, o que não podia faltar ao nosso primeiro Conquistador, pois sacrificou sua vida pelo serviço de seu Rei e exaltação da Santa Fé Católica.

Faleceu na éra de 1589, a 9 de Maio.

(Continua).

Notas do P. P. — Já ficou publicada, à página 91 da nossa primeira série, a notícia da morte de Paulo Dias de Novais, conforme a dá o Padre Franco, na *Synopsis*.



DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 1640...

Efemérides Provinciais

CATÁLOGO DOS GOVERNADORES DE ANGOLA

(Pelo Cónego JOSÉ MATIAS DELGADO,
que Deus haja).

(Continuação da página 232)

XXXIV—Francisco de Távora

DÁTAS



Foi nomeado em 21 de Março de 1668. A sua paténte é de 4 de Maio. Tomou posse, em Luanda, a 28 de Agosto de 1669. Governou até 28 de Agosto de 1676.

PRÓVAS

A nomeação de Francisco de Távora consta da consúltas de 26 de Janeiro de 1668, no Livro IV das consúltas mixtas, à fôlha 247.

A sua paténte não foi registada no respectivo Livro IV dos Offícios.

Só o foi na Chancelaria de dom Afonso VI, Livro 22, à fôlha 282.

A dáta da posse é dada por êle mesmo numa sua carta de 15 de Março de 1670, a qual não existe no original, mas

está extratada na consúta de 8 de Julho de 1670, no livro quarto das consútas mixtas, à fôlha 378.

Nessa carta dizia que chegara à Luanda em 28 de Agosto de 1669, mas creio que êle emprega a chegáda pela posse.

Pedro César de Meneses (segundo)

Não é o mesmo que governou de 1639 a 1645 e que assistiu à Invasão-Holandesa.

Êste foi nomeado em 20 de Setembro de 1672.

A sua paténte é de 27 do mesmo mês.

Saiu de Lisboa em 16 de Julho de 1673 e morreu no naufrágio em 19 de Novembro, na costa de Benguela-a-Nova.

*

Que não é o mesmo: vê-se bem na consúta em que foi nomeado, que é de 1 de Setembro de 1672 e está no Livro V das consútas mixtas, à fôlha 57.

A sua paténte está no Livro V dos Offícios, à fl. 210 v., e na Chancelaria de D. Afonso VI, Livro 37, fl. 103.

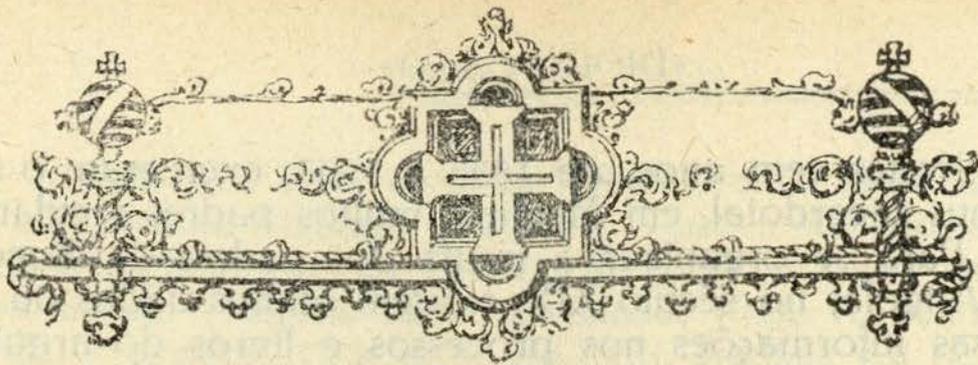
A dáta da saída de Lisboa é dada na biografia do bispo dom frei António do Espírito Santo, que foi com êste governador pára Angola. (Capítulo XXXI do tómo II do manuscrito — «Cronologia da Província de Sam-Filipe dos Carmelitas Descalços», na Biblioteca Nacional de Lisboa, na secção dos reservádos, fundo antigo, número 8.208).

A dáta e descrição triste do naufrágio dá-os também Cadornega no tómo II das «Guerras Angolanas», no capítulo III da IV páрте, no fim.

(Veja-se I série às págs. 29 e 292 e esta II, à pág. 89).

LISBOA — Janeiro de 1929.

(Continua).



História Eclesiástica

Presídio de Muxima

— Em Angola, na margem esquerda do rio Quanza e na região chamada a Quiçama, há uma Igreja denominada de Nossa Senhora da Conceição de Muxima. Esta Igreja está sempre aberta, quer de noite, quer de dia, confiada à vigilância do gentio que zelosamente a guarda, velando ao mesmo tempo pela conservação das riquezas com que a devoção dos fiéis a tem dotado. As mulheres estereis fazem continuadas romarias àquele Santuário a fim de obter, por intercessão da Virgem Santíssima, o dom da maternidade.

Alberto Pimentel, à pág. 216 da sua História do Culto da Nossa Senhora em Portugal.

Festa da Padroeira



RELATIVO À IMAGEM DE NOSSA Senhora da Conceição de Muxima, conta António de Oliveira de Cadornega, no tomo III da sua *História Geral*, um lindo e piedoso facto histórico: tem valor também militar. Em qualquer ocasião, havemos de o publicar nesta revista, porque bem o merece e é profundamente moralizador e altamente patriótico.

O dia 8 de Dezembro era festejado, em Muxima, com um esplendor maior ou menor: deante dos olhos de nossos Leitores vamos apresentar um resumo, que, embora simples, é bem documentado.

Nestes cem anos, de 1833 a 1933, exerceram o seu munus sacerdotal, em Muxima, muitos padres seculares.

Para se organizar a pauta dos padres da diocese de Angola, no século XIX, existem ótimos dados ou diversas informações nos processos e livros do arquivo público da Câmara Eclesiástica de Luanda.

LISBOA. Nov./1934.

Padre POMBO.

Centúria Religiosa (1833-1933)

8 de Dezembro

1833 — Realizou-se na Igreja da Muxima a Festa de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Presídio e Paróquia. O padre Cosme de Lemos recebeu 25\$000, como consta do respectivo Recibo, que está na Câmara Eclesiástica de Luanda, no maço de cõntas das Igrejas do Sertão

1834-1837 — Não encontrámos notícia alguma da Festa. A época era agitada.

1838 — Realizou-se a Festa da Padroeira, como consta no livro I da Receita e Despesa, às fõlhas 5 e 7.

1839 — Houve a Festa (Rd., II, Recibo número 9).

1840 — A 28 de Fevereiro, morreu o padre vigário Jerónimo de Carvalho (Inv., I, fl. 6). — Houve Festa de 8 de Dezembro. Veio fazê-la o vigário do Presídio de Maçangano, padre Francisco de Assis e Andrade, que recebeu a esportula de 35\$500 (Rd., III, Recibos 41-45).

1841 — Falta neste Arquivo o Livro IV da Receita & Despesa.

1842 — Realizou-se a Festa (Rd., V, fl. 16).

1843 — Procissões dos Passos e Entêrro na Semana Santa (Rd., V, 17). — Também a Festa da Padroeira, presidida pelo Vigário de Maçangano, que foi gratificado com 20\$000 (Rd., VI, Recibos 9-14).

1844 — Não se realizaram as Festas.

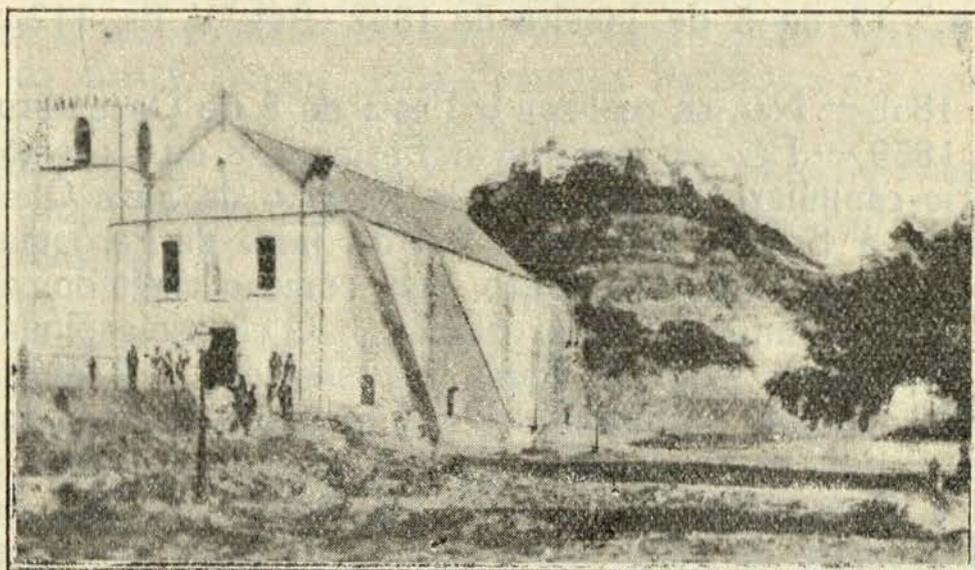
1845 — O padre António João de Carvalho, de Maçangano, veio presidir à Festa de 8 de Dezembro (Rd., VII, Recibo n.º 12).

1846 — A festa de 8 de Dezembro foi presidida pelo Padre Manuel Monteiro de Moraes. O padre Monteiro exercia em Luanda o cargo de Capelão da Igreja de Santo António, no extinto Hospício dos Capuchinhos (Act., II, número 71 (Of., I, números 19 e 20 — Rd., VIII, Recibos 9 e 12).

1847 — Fez a Festa de 8 de Dezembro o padre Matias José Rebelo. Pelos seus trabalhos recebeu 50\$000 (Act., II, sessão n.º 171 (Rd., VIII, Recibos 23-33).

1848 — A Igreja em obras (Rd., IX). ROUBO das peças da Lâmpada (Act., III, sessão de 30 de Abril).

1849 — Continua o Santuário em obras. No dia 7 e 8



SANTUÁRIO DE MUXIMA, EM 1929

de Dezembro foram acesas luminárias. (Act. Sessão de 12 de Dez., número 24. — Rd., X, Recibo 17).

1850 — Acabaram as obras. Houve Semana-Santa (Rd., XI, Recibo n.º 40).

1851 — Festa de 8 de Dezembro. Padre Matias José Rebelo, que recebeu 50\$000. (Act., V, fls. 22 a 24. — Rd., XI, Recibos 59-69).

1852 — Padre Matias. Festa de 8 de Dezembro. 50\$000 (Act., V, fl. 33. Rd., XI, fl. 85).

1853 — No mês de Agosto, andava em construção a Torre da Igreja (Act., V, fl. 39. — Rd., XI, fl. 95, Recibo 11). Não houve Festa de 8 de Dezembro.

1854 — Também não se realizou a Festa da Padroeira. Apenas luminárias nas duas noites de 7 e 8 de Dezembro. Gastaram-se 14 garrafas de azeite de ginguba (Rd. XII, fl. 32).

1855 — Não houve Festa da Padroeira. Só luminárias ou luzes (Act. V, fl. 89. — Rd., XII, fl. 88).

1856 — Festa de 8^o de Dezembro. Dois Cônegos: Manuel Monteiro de Moraes e Domingos Pereira da Silva Sardinha (Act., V, fl. 99 50\$000 para o cônego Moraes e 20\$000 para o cônego Sardinha (Rd., XII, fl. 130. Recibo n.º 31).

1857 — Fez a Festa de 8 de Dezembro o cônego Sardinha. Recebeu pelos seus trabalhos 30\$000 ou 40\$000, como está rectificada a importância na Acta da Sessão extraordinária n.º 13 de 5 de Janeiro de 1858 (Act., V, fls. 112, v., e 144).

1858 — Não se realizou a Festa de 8 de Dezembro.

1859 — Fez ou presidiu à Festa de 8 de Dezembro o vigário-capitular Cônego António Firmino da Silva Quelhas. Assistiu à Sessão extra-ordinária da Junta-de-Paróquia número 12, em 11 de Dezembro, bem como o chefe do concelho, Alferes António Gomes Serrão. — O vigário-capitular fez 183 baptizádos, mas não vimos tais assentos. — A oferta de 50\$000, que lhe pertencia, deu-a para que a Imagem da Padroeira, que muito carecia, fôsse encarnada e pintada. — À página 2 do «*Boletim Oficial*» de Angola n.º 742, de 24 de Dezembro de 1859, está um ofício do chefe do concelho, António Gomes Serrão, no qual êste conta a missão do cônego Quelhas ao governador Coelho do Amaral.

1860 — Não se realizou a Festa. A Comissão chegou a pedir padre (Act., VII, fl. 8).

1861 — Não houve Festa de 8 de Dezembro. Chegaram a fazer-se convites (Act., VII, fl. 17, v. Rd., XIV, fl. 17).

1862 — Foi levada a efeito a Festa da Padroeira. Pagou-se 55\$000 francos ao pároco de Maçangano, padre Manuel Inácio dos Santos Tôrres e a seus Acólitos. (Rd., XIV, fl. 28. Act. VII, fls. 31 e 32, v.).

1863 — Festa de 8 de Dezembro. Padre Tôrres Júnior, de Maçangano (Act. VII, fl. 45. Rd., XIV, fl. 37).

1864 — Efectuou-se a Festa da Padroeira. Padre Manuel Rodrigues Ramos, de Maçangano. Pâra o Padre e Cantores 75\$000 francos (Act., VII, fls. 60 v. e 61. Rd., XIV, fl. 49).

1865 — Cónego Sardinha, de Maçangano. Pâra o Padre e Cantores 57\$500 (Act., VII, fl. 72. Rd., XIV, 60).

1866 — O Cónego Sardinha, de Pungo-Andongo, ofereceu-se pâra vir fazer a Festa de 8 de Dezembro e de facto veio até à Muxima. Encontrou cá o padre missionário José Violin, que viera de Luanda (Act., VII, fl. 92, v. Rd., XIV, fl. 72). O padre Violin recebeu de espórtula a quantia de 18\$461.

Sôbre o missionário português padre José Violin há informações no Livro 26 da C. E. de Luanda, fls. 12, 50, 72, 83 e 90.

1867 — Presidiu à sessão ordinária da Junta-de-Paróquia, em 7 de Junho, o padre Baltasar António Teixeira Pinto, bem como o chefe do concelho capitão João Gualberto Maria da Costa Barros. Pela Festa da Padroeira o Pároco recebeu 41\$000 (Act., VII, fl. 105, v. Rd., XIV, fl. 83).

Também se realizou a Festa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. O pároco foi gratificado com 8\$559 réis fortes (Act., VII, fl. 107, v. Rd., XIV, 84).

1868 — Na sessão extra-ordinária número 1 de instalação, a 2 de Janeiro, o pároco presidente tomou o Juramento dos Vogais da Junta, na conformidade do art. 95.º do Código Administrativo. Realizou-se a 8 de Dezembro a Festa da Padroeira. O padre Baltasar recebeu 24\$079 (Rd., XIV, 95). Pela Festa do Natal de Jesus, 8\$559 (Idem, fl. 96).

1869 — A Cása Paroquial (Rd., XVI, fls 98-102). Festa da Semana-Santa (Id., 102). Festa de 8 de Dezembro (Id., 107).

1870 — Os Cemitérios passam pâra a Comissão Municipal (Act., VII, 148, v.). Não houve Festa. Sòmente novena e luminárias (Rd., XIV, 118). O pároco padre Baltasar retirou-se doentíssimo, na madrugada de 8 de Dezembro, pâra Luanda. Ali morreu a 17 de Dezembro. Era natural da Lixa, concelho de Felgueiras. Tinha 34 anos de idade. Teve, no dia 19, um entêrro muito solene, com música. *Causa mortis*: febre remitente e caquexia paludosa. — (Igreja da Conceição. Livro de óbitos II, fls. 144).

1871 — Veio fazer a Festa de 8 de Dezembro o Padre Manuel Inácio Tôrres. 26\$692 (Act., VII, 166. Rd. XIV, 127).

1872 — Em Janeiro, esteve nesta Paróquia o Padre Lázaro António José Luís de Sá, pároco então de Calumbo e

visitador da Muxima. Em Agosto, era já aqui pároco. Festa de 8 de Dezembro. 26\$692 (Rd., XIV, 138).

1873 — Festa pelo pároco padre Lázaro. 26\$692 (Id., 156).

1874 — A 24 de Outubro, tomou posse da Paróquia o padre Joaquim Jerónimo Sant'Ana Fernandes. Festa de 8 de Dezembro. 26\$692 (Act., VII, 207. Rd., XIV, 168).

1875 — Festa da Padroeira em 8 de Dezembro. O pároco padre Sant'Ana recebeu a espórtula de 26\$692 (Act., VII, 221, v. Rd., XIV, 183).

1876 — Padre Lázaro fez a Festa de Nossa Senhora da Conceição. 35\$000 (Act., VII, 236. Rd., XIV, 191).

1877 — Festa da Padroeira pelo Padre Lázaro. 35\$000 (Act. VII, 247, v. Rd., XIV, 199).

1878 — Padre Duarte Sant'Ana dos Remédios. Tomou posse a 24 de Novembro (Act. VII, fl. 261). Recebeu pelo trabalho da Festa de 8 de Dezembro 17\$200. (Rd., XIV, 207). Recebeu o padre... mais 22\$500 (Act. VII, 275, v. e 277, v. Rd., XIV, 213).

1879 — O Chefe do Concelho da Muxima e o Pároco da Igreja de Muxima — eram dois Sant'Anas — Padre Duarte Sant'Ana dos Remédios e Capitão Domingos Ferreira de Sant'Ana e Palma. Não houve Festa de 8 de Dezembro. Só novena e foguetes.

1880 — Na sessão da Junta de-Paróquia de 5 de Setembro, apresentou-se o pároco padre João Constâncio Rodrigues. Houve Festa da Padroeira (Rd., XIV, 227. Act., VII, 288, v).

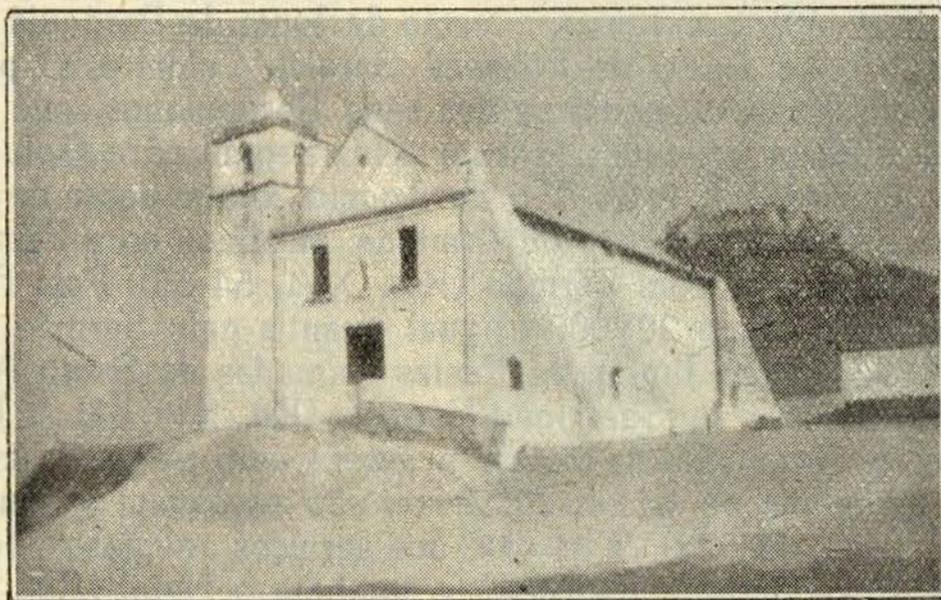
1881 — A 27 de Abril, o pároco de Maçangano padre António José do Nascimento, por ordem do Bispo Diocesano, apresentou-se pãra fazer uma Sindicância aos actos do pároco padre João Constâncio Rodrigues. Padre João Constâncio retirou-se pãra Zenga-do-Golungo, mas em Maio já cá estava. Realizou-se a Festa de 8 de Dezembro (Rd., XIV, 234 e 235).

1882 - Realizou-se a Semana-Santa com Lava-Pés. (Rd., XIV, 237). Questão entre o Pároco Presidente e os Vogais da Junta. O pároco, em Outubro, foi pãra Luanda tratar da sua saúde, mas voltou e fez a Festa de 8 de Dezembro (Act., VIII, 20, v).

1883 — Em Maio, retirou-se o padre João Constâncio. Não houve Festa da Padroeira. Sòmente novena, ladaínhas cantadas e luminárias. Também luminárias na noite de Natal (Act., VIII, 47, v. e 48).

1884 — Houve só comemoração externa, com novena, mas sem Missa e sem Procissão (Act., VIII, fls. 51, v. e 52). A festa foi organizada pelo então chefe do Concelho, capitão da 2.^a linha, João Gualberto Esteves de Carvalho (Rd., XV, 31).

1885 — Só novena interna (Act., VIII, 66 Rd. XV, 44).



SANTUÁRIO DE MUXIMA, EM 1930

1886 — A Igreja precisava de consêrto urgente. Não houve a Festa da Padroeira (Act., VIII, 85).

1887 — Também não foi realizada a Festa de 8 de Dezembro. Só novena, ladaínhas e sálvas com pólvora (Act., VIII, 102. Rd., XV, 84).

1888 — Festa de 8 de Dezembro. Veio fazê-la o pároco de Maçangano, padre Gil Brás Caitano Quitério de Sousa (Act., VIII, 123. Rd., XV, 100).

1889 — Sem Festa.

1890 — A 6 de Julho, tomou posse o Pároco Padre Joaquim José da Silva. Houve Festa da Padroeira. Emolumentos do Padre 20\$000 (Rd., XV., 128. Act., VIII, 158, v.).

1891 — O Pároco recebia da Junta 3\$000 por mês, pâra

pagar a rénda da Cása onde morava (Act., VIII, 163, v.). — Realizou-se a Festa dos Passos e o Pároco recebeu a gratificação de 15\$000 (Act., VIII, 165, v. — Rd., XV, 132). — O padre Joaquim José da Silva retirou-se pâra Maçangano. Não se fez a Festa de 8 de Dezembro. Só rezas e iluminação (Rd., XVI, 8).

1892 — Obras no Santuário. Festa de 8 de Dezembro. O Pároco padre Manuel Joaquim Neto recebeu a gratificação de 15\$000 (Rd., XVI, 32).

1893 — Festa da Semana-Santa. Padre Neto, 15\$000 (Rd., XVI, 40). Em Junho, questão da Junta-de-Paróquia com o alferes José Lúcio da Fonseca Saraiva Caldeira. O padre Neto, em Julho, despediu-se dos seus Paroquianos, que com muitas e justas saüdades ficaram dêle. Seguiu pâra Golungo-Alto (Ofícios, IV, 2-6). A 6 de Agosto, tomou posse da Freguesia o Cónego Mateus de Almeida. Realizou se a Festa de 8 de Dezembro, com Sermão (Rd., XVI, 54-55). Pela Festa o Cónego recebeu 20\$000 e igual quantia pelo Sermão.

1894 — Em Junho, as Festas animadas de Santo António de Lisboa e de Sam João Baptista (Rd., XVI, 62). A Junta tomou a resolução de cobrir a Igreja com telhas de zinco, pois as telhas de bárro, côncavas, não escoavam a água da chuva (Act., IX, 28). **Tabela** dos serviços religiosos. Idem, fl. 29. Festejou-se a Padroeira e também o Natal (Rd., XVI, 70 e 72). O tecto ou fôrro da Igreja era de empelas ou bordão.

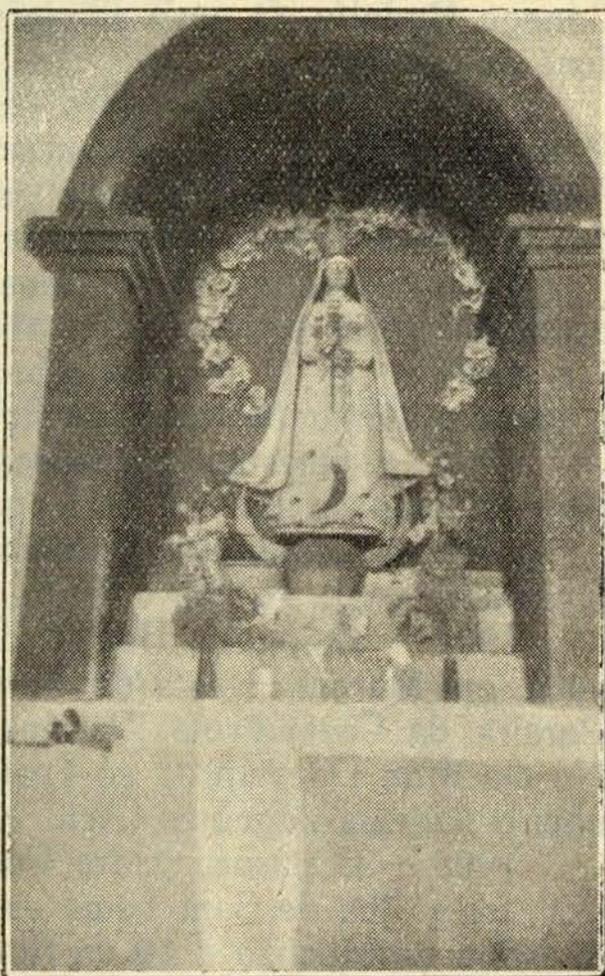
1895 — Festa da Semana-Santa (Rd., XVI, fls. 75, 77, 82 e 83). — Obras no Santuário. — Procissão ao Cemitério, no dia 2 de Novembro, Festa de 8 de Dezembro. De 4 de Agosto de 1895 a 23 de Fevereiro, não se fizeram as sessões da Junta-de Paróquia.

1896 — Houve a Semana-Santa (Rd., XVI, 87 e 88). — Questão com o Cónego Almeida. As suas obras constam na Acta de 1 de Maio (Act., IX, 50, v. e 51). — Uma defesa bem feita do Cónego Almeida, com Documentos. — A 9 de Maio tomou posse da Freguesia o Cónego Joaquim José Xavier Casimiro Mascarenhas. — Cômpra da actual Cása-Paroquial, 135\$000 e mais 121\$500 (Rd., XVI, 90 92). — Realizou-se a Festa da Padroeira e também a do Natal (Act., IX, 62, v. — Rd., XVI, 96).

1897 — O zinco pâra cobrir a Cása-Paroquial custou

153\$450 (Act. IX, 65, v.). Festa da Semana-Santa (Rd., XVI, 101-102). Festa de Santo-Antônio de Lisboa e de Sam-João Baptista. Missa e Procissão das Almas no dia 2 de Novembro. Festa da Padroeira e também a do Natal (Rd., XVI, 112).

1898 — A 8 de Março, tomou posse o pároco padre Rodolfo Lourenço dos Mártires Francisco Caitano do Rosário Vitória Lobo e Frias (Of., IV, 6). Veio de Maçangano. — Festa da Semana-Santa (Rd., XVI, 117 e 118). — Livros do **Arquivo-Religioso** (Of., IV, fl. 7. Ofício de 17 de Abril). Festa de Santo-Antônio e de Sam-João. Festa da Padroeira, com banda de-música, que veio da vila do Dondo (Rd., XVII, 37 e 38. — Oblatas, I, 33). — Os inimigos do Cónego Mateus de Almeida fizeram cõtra êle acusações, se não caluniosas, exageradas. — Procedeu-se a Inquérito, no Civil e no Religioso.



MILAGROSA IMAGEM DE NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO DE MUXIMA

1899 — Procissão do Senhor-dos-Passos (Rd., XVII, 44). Festa de Santo-Antônio e de Sam-João.

Paramentos novos. Foi paga a importância de 101\$510 ao Cónego Gericota que os mandou vir da Metrópole (Idem, 46. — Act., IX, 106). De Setembro de 1899 a Maio de 1907, falta o Livro ou Livros da Receita & Despesa. Existem dois Livros das Oblatas (Act., IX, 88, v.).

1900 — Continua no cargo o padre Rodolfo... Lobo e Frias. A partir do mês de Junho, começa a usar do título ou dignidade de Cónego.

1901 — A 28 de Janeiro, tomou posse da paróquia o cônego Duarte Sant'Ana dos Remédios. — Questão entre o Cônego Rodolfo e o chefe e administrador capitão Manuel Tavares de Macedo. O chefe não tinha razão nenhuma (Act., IX, 124). Cústo dos Mosaicos, 630\$705. O chefe retirou-se. — A 27 de Junho estava de vólta como pároco outra vez o Cônego Rodolfo. O novo administrador chamava-se Amâncio José da Silveira.

1902 — No dia primeiro de Dezembro tomou posse da Paróquia o padre Carlos Francisco Pinheiro (Obl., II, 41. — Act., IX, 145). Aqui também está a **Tabela** dos Cantores das Festas da Igreja. Realizou-se a Festa da Padroeira.

1903 — Continuam nos seus cargos: o padre Pinheiro e o administrador Silveira.

1904 — A 10 de Dezembro, tomou posse da Paróquia o padre António Moreira Basílio.

1905 — Questão... grossa, bem grossa, entre o pároco-presidente da Junta e os Vogais (Act., X, fls. 52, v.—69).

1906 — Continua a Questão... Houve a Festa de 8 de Dezembro (Act., X, 83, v. e 85, v.).

1907 — O padre Basílio deixou, sem saúdaes, a Muxima, em Março. — A 9 de Abril, tomou posse o padre José Pereira da Costa Frota. Paramentos novos (Act., X, 90-95). No dia 8 de Dezembro, só Festa interna, por não haver dinheiro para os Foguetes (Act., X, 95 v., 99 v.).

1908 — O pároco padre Costa Frota, com licença superior, foi à Ilha de Sam-Tomé visitar a sua Família. Já estava de vólta na Muxima a 10 de Junho (Act., X, 107, v.). Realizou-se a Festa de 8 de Dezembro, completa, isto é, com Procição & Foguetes (Id., 110, v.).

(Continúa).



MISCELÂNEA

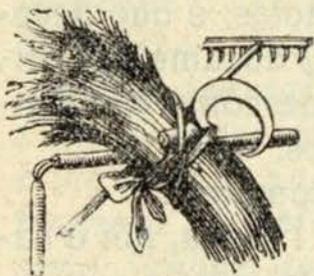
— de —

apontamentos velhos e antigos
impressões, comentários, critica —
nótas à margem
&
novidades

Historia ancilla scientiae politicae.

Machiavel.

A historiografia oficial...



NÃO É POSSÍVEL GOVERNAR bem uma nação ou colónia sem conhecer o Passado dessa nação ou colónia: a memória ou acções dos homens bons, que nos legaram uma vida operosa de verdadeiro patriotismo, são... um livro com páginas úteis, para nosso exemplo ou imitação ou espelho.

Também é vantajoso o conhecimento dos erros, para serem evitados ou não repetidos.

— «*Dos homens e dos acontecimentos que passaram,*

pouco se preocupam os que distraídos vão caminhando. Em-breve, os esquecem — uns ; outros — mal os divisam, atentos unicamente ao Presente, que os interessa, sem se lembrarem que êste deriva do Passado, e são ambos solidários entre si. Esta falta de atenção, ou êsse esquecimento, é, na verdade, pãra a maior parte dos homens, inconsciente e não intencional. . . » —

Sé é certo que a história não se repete, os factos succedem-se, no entanto. Por uma simples comparação, a cada passo vemos ou notamos que o tempo passado se vinga de quem o não conhece ou ignora. Governantes e governados precisam de saber história, precisam. . .

Mas a história, pãra ser verdadeira e positivamente uma lição de patriotismo, de moral e de administração pública, ela deve ser contada com imparcialidade e sem paixão.

— *«A história tem-se prestado a servir de refúgio à política ; e o inexgotável repositório de ideas e factos, que a constituem, tem-se tornado o inexaurível arsenal ao dispor dos mais diversos partidos e das mais opostas facções. Tem sido à história que as escolas filosóficas, as correntes científicas, as agremiações religiosas, os partidos políticos e os agrupamentos sociais têm ido pedir elementos pãra a defesa dos seus princípios e ideas e pãra o atãque das ideas e princípios dos contrários. Tem sido a história que tem servido de permanente fôrja pãra trabalhar teorias, temperar princípios e afiar argumentos. . . » —*

Por tôdas estas razões, proximas e remotas, é que devemos sempre tratar com certa desconfiança os documentos officiais ou officiosos : devemos estudá-los com descônto por dentro e por fóra, pãra evitar más interpretações.

Nem sempre o êrro é uma verdade incompleta.

Num volume de Fontes de História de França, põi o sãbio e experimentado coleccionador o seguinte aviso :

— *«La plupart de ces documents ont une origine officielle et émanent de ministres ou de fonctionnaires. Il est indispensable d'exercer sur eux une critique rigoureuse et, quand cela est possible, un contrôle sévère. . . » —*

Um conselho didático, assim tam prático e prudente e benéfico, dá-o Luís André à página 1 do volume VII da terceira parte da obra — *Les sources de l'histoire de France*.

Não se governa ou administra, repetimos, uma nação ou uma colónia tam sòmente com centenas ou dezenas de decretos...

Lisboa. Novembro de 1934.

Padre POMBO.

Dom frei Alexandre

O bispo dom frei Alexandre da Sagrada Família foi tio e professor de Almeida Garrett: nos «Anais das Bibliotecas e Arquivos», 1926, às páginas 9-56, encontra-se um belo e documentado estudo dêste prelado, feito pelo sr. dr. António Ferreira de Serpa.

O bispo dom frei Alexandre e o governador Barão-de-Moçâmedes tiveram entre si, lá em Luanda, uma grossa questão.

Não eram compadres, como diz em uma nòta o sr. dr. Serpa.

No livro II de Baptismos da Sé-Velha de Luanda, à fôlha 346, encontra-se arquivado o seguinte assento:

— «Aos 9 de Outubro de 1784, baptizou nesta Sé o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. dom frei Alexandre da Sacra Família, Bispo de Malaca e eleito de Angola, ao senhor Manuel de Almeida, filho legitimo do Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Barão-de-Moçâmedes — José de Almeida e Vasconcelos, governador e capitão general dêste Reino de Angola e suas Conquistas e da Senhora Baronesa dona Maria António de Portugal, e lhe pôs os Santos Óleos. Tomou por Padroeira à Nossa Senhora do Monte-Carmelo. Foram padrinhos o illustrissimo Senhor dom José Maria de Sousa, illustre fidalgo da Casa de sua Majestade Fidelíssima, e dona Maria Teresa de Noronha, ambos por seu procurador o illustrissimo senhor João de Almeida e Vasconcelos, ajudante de ordens dêste Govêrno. Nasceu aos dois dias do dito mês e ano. O cônego cura: (a) António Roiz da Costa.

Se a memória não nos engana, existem, na galeria de quadros do Paço Episcopal de Luanda, dois retratos a óleo do Bispo dom frei Alexandre.

P. P.

Em Luanda

No trissemanário — A PÁTRIA — de Luanda, do dia 17 de Junho próximo passado, foi publicada, a respeito da nossa revistinha, a seguinte apreciação :

Acabamos de receber, de Lisboa, o número 7 da 2.^a série da revista ilustrada de assuntos históricos «Diogo-Caão» de que é director, redactor e proprietário, o illustrado sr. Padre Manuel Ruela Pombó, antigo missionário em Angola e, actualmente, aluno do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista.

Aluno !!!...

Muito pode o amor ao estudo, numa idade já um pouco afastada da mocidade ! Mas não é só amor, é também patriotismo, pois que o bom Reverendo tem um verdadeiro culto pela nossa passada grandeza histórica, da qual justo é salientar as excelências épicas e espirituais, por meio de publicações honestas e eruditas, de que a revista «Diogo-Caão» é exemplo conceituado e já aplaudido, a ambas as mãos, por críticos abalisados de Portugal e do Brasil.

Este número de agora é enriquecido por um preciosíssimo trabalho, qual é a Relação do Reino de Congo e das terras circunvizinhas, tirada em italiano por Filippo Pigafetta, dos escritos e discursos do português Duarte Lopes, em Roma, entre os anos de 1588 e 1589, e publicada no de 1591.

A retroversão em português, desta obra, é feita pela illustre sr.^a D. Rosa Capeans, licenciada em Letras pela Universidade de Lisboa e que ao presente é também aluna no supracitado Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista.

Com efeito, existindo já, desde há mais de trezentos anos, versões em italiano, holandês, alemão, latim e, desde 1883, em francês, da obra de Duarte Lopes & Filippo Pi-

gafetta, não fazia sentido que ainda não houvesse uma tradução na língua do povo que tivera o primado dos Descobrimientos, na época deslumbradora do século XVI.

Estava, para assim dizer, em aberto, uma dívida para com a memória do intrépido explorador português, Duarte Lopes, mas que começa agora a ser liquidada, por meio das colunas da revista «Diogo-Caão», que tão relevantes serviços está a prestar ao nosso espólio de literatura e de ciência históricas.

Contudo, ao contrário do que deveria ser, semelhante publicação não é feita a expensas do Estado, nem por iniciativa da Academia das Ciências de Lisboa, nem da velha Sociedade de Geografia de Lisboa.

Todos aqueles que gostam de estudar a história de Angola, ficam por esta forma a dever um grande benefício intelectual à sr.^a D. Rosa Capeans e ao infatigável director da revista «Diogo-Caão», que, com os seus minguados recursos pecuniários, mantém uma publicação regular, à margem de qualquer interesse comercial.

Glória a tão nobres espíritos !

Que o público ilustrado de Angola saiba corresponder ao sacrifício do sr. Padre Manuel Ruela Pombo, adquirindo, por compra, os exemplares da sua útil revista, que os magros vencimentos de um missionário aposentado mantém — talvez através de dificuldades que êle esconde dos seus leitores e até dos próprios amigos...

Notas eruditas acompanham a tradução da obra citada, que assim fica valorizada como elemento de ensino e de crítica historiográfica. É ótimo o método de trabalho da erudita tradutora.

* * *

O tómo primeiro da «História General das Guerras Angolanas», de António de Oliveira de Cadornega, também continua a ser publicado no n.º 7 da revista «Diogo-Caão», que de-certo publicará em seguida o tómo 2.º e, depois o 3.º, que é o último.

Atingidas que sejam as publicações inteiras dessas duas obras, fica preenchida uma grande falta na bibliogra-

fia angolana, que a nossa proverbial negligência nacional consentiu que não fôsse reparada mais cedo.

Creio que do trabalho de Cadornega só foi publicado, na revista Portugal em África, o II tomo, de que se fez separata em volume.

Julop.

Ao ilustre confrade e bom amigo sr. Júlio de Castro Lopo — *Julop* — aqui ficam patentes os nossos agradecimentos pela atenciosa consideração, que sabe dar às páginas da nossa revistinha.

P. P.

Doença-do-sono

Na acta da sessão ordinária número dois, de 4 de Março de 1872, da Junta-de-Paróquia da Muxima, na lista das ofértas consta a seguinte :

— «*Um mil duzentos e noventa réis, valor de sete libras de cêra que o Soba das terras do Nvula Queri mandou brindar espontâneamente por devoção, pedindo a protecção da Mãi Santíssima Virgem Nossa Senhora da Conceição, pâra que lhe acabe nas suas terras a epidemia do mal-de-sono, que tem dado cabo a diversas creaturas...*» —

A variola e a doença-do-sono : eis as duas calamidades que têm dizimado a valer os quiçamos e as quiçamas.

Também não têm poupado outras regiões.

P. P.

Boletim Oficial

Passamos a dar aqui mais algumas informações relativas aos reportórios alfabéticos e cronológicos dos Boletins Officiais de Angola, desde a sua fundação em 1845.

De 1845 a 1862, repetimos, foi feito o índice pelo dr.

Luís António de Figueiredo. Temos um exemplar na nossa livraria.

De Janeiro de 1863 a Março de 1866, completou a *lacuna* José Cândido Loforte, como vimos no Arquivo Histórico Colonial da Junqueira.

De 12 de Março de 1866 até 31 de Dezembro e ano civil de 1867 e 1868, o índice foi feito por Eduardo Augusto de Sá Nogueira Pinto de Balsemão. Tem 49 páginas.

A 12 de Março de 1866, tomou posse do Governo de Angola o conselheiro Francisco António Gonçalves Cardoso.

O dr. João José da Silva coordenou o Relatório alfabético desde o início da publicação do Boletim Oficial até 1892 inclusivé.

P. P.

Reino-de-Congo

A dez de Agosto de 1803, o bispo dom Luís Brito Homem baptizou na Igreja da Sé de Luanda o príncipe congolês dom AFONSO, filho legítimo de dom Henrique e de dona Isabel de Água Rosada e Sardónia, irmã de el-rei de Congo dom Garcia V, então reinante. Dom Afonso tinha nascido na côrte de Sam-Salvador a 21 de Janeiro de 1794. Serviram de Padrinhos: o Governador dom Fernando António de Noronha e Nossa Senhora da Conceição, tocando com a Prenda ou Coroa o padre capuchinho frei Serafim d'Aqui, prefeito do Convento de Santo-António de Luanda. — (Câmara Eclesiástica de Luanda. Livro numero 5 de Baptizádos da Sé Velha, à fôlha 100, v.).

O Bispo dom Luís Brito Homem tem retráto na Galeria do Paço Episcopal de Luanda.

* * *

O vigário-capitular Manuel Patrício Correia de Castro, por Provisão de 31 de Maio de 1830, nomeou vigário, no espiritual e no temporal, do Reino-de-Congo — o padre prefeito dos Capuchinhos frei Bernardo de Burgio.

O fim de sua viagem era «*fazer as exéquias pelo falecimento do católico rei dom Garcia V, e celebrar o acto de coroação do novo rei que se houver de levantar*».

Também ia encarregado de tomar informações a respeito da conduta do reverendo padre dom Pedro de Sam Salvador, «*argüido de vários crimes e defeitos, de que se deve purificar*».

P. P.

O cavalo-marinho

Conhecemos já duas descrições da caçada aos cavalos-marinhos ou hipopótamos no rio Quanza ou suas lagoas vizinhas: uma de Cadornega e outra de José Joaquim Borralho.

São realmente interessantes e bem feitas ou escritas.

Quanto à vida destes animais, elas têm uma propriedade ou rigor admirável de descrição: tencionamos publicá las, pondo-as em confronto, num dos numeros seguintes desta nossa revisinha.

Presentemente, caça-se o cavalo-marinho a tiro de bala é muito còmodamente ou em silêncio e com pouca gente: noutros tempos, fazia-se o perigoso serviço com arpão, como ainda hoje praticam os pretos, com grande barulho e movimento agitado de muitos serventes.

P. P.



«DIOGO-CAÃO»

(Continuação)

49)

O número 5 da segunda série desta revista de assuntos históricos angolanos que o erudito Padre Manuel Ruela Pombo iniciou em Angola e está presentemente continuando em Lisboa, começa a publicação da *História General das Guerras Angolanas* de António de Oliveira Cadornega, que Ruela Pombo apelida de Pai da História de Angola. Os manuscritos, com desenhos coloridos e feitos à pena, estão a ser copiados pelo Padre Ruela Pombo na biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, onde se encontram, e a sua publicação, que muito interessa a quem desejar estudar devidamente a história de Angola, vai sendo acompanhada de notas elucidativas e críticas que bem denotam o amor com que o Padre Ruela está procedendo a esse trabalho.

E' a boa nova que damos aos nossos leitores ao anunciar-lhes o recebimento dêste número da revista *Diogo Caão*.

(Do *Noticias da Huila*, de 24 de Março de 1934).

50)

Temos presente mais um fascículo, o número 5, da série desta excelente revista ilustrada, dirigida proficientemente pelo missionário secular o nosso prezado amigo, reverendo padre Ruela Pombo, que continúa residindo em Lisboa.

Muito gratos pela oferta.

(Do *Noticias do Bié*, de 15 de Março de 1934).

51)

Recebemos o número 6, II série, desta bem colaborada «Revista de Assuntos Históricos Angolanos», que, em Lisboa continúa a publicar-se sob a direcção do Ex.^{mo} sr. Padre Manuel Ruela Pombo.

O presente número, de atraente aspecto gráfico, insere muita e valiosa colaboração.

Agradecemos o exemplar enviado.

(Do *Moçâmedes*, de 20 de Março de 1934).

52)

Temos em nossa frente os números 4, 5 e 6 da 2.^a série — 1933-34, repletos de interessantes e ilucidativas notas, material que o sr. Padre Ruela vai benedictinamente carreando para uma futura e mais completa história de Angola.

De *O Intransigente*, de Benguela, em 4 de Abril de 1934).

53)

Revista literária de assuntos históricos. — Vai já no número 5 da II série, esta revista, dedicada especialmente à Angola e de que é director o Sr. Padre Manuel Ruela Pombo, missionário secular português que presta ótimo serviço na vulgarização de factos históricos. Com o número referido, iniciou *Diogo Caão* a publicação do 1.^o tomo da *História das Guerras Angolanas*, de Cadornega, de que foi, em tempos, impresso unicamente o 2.^o. Como edição da mesma revista, mas em diverso formato, saíram já 10 fascículos da *Inconfidência Mineira*, cuja publicação virá lançar muita luz sobre a história do Brasil colonial.

Felicítamos o Sr. Padre Ruela Pombo pela sua iniciativa e pela tenacidade que representam as publicações referidas, desejando sinceramente que leve a cabo os seus patrióticos desígnios, dignos do maior louvor.

Dos números 1 e 2 da 52.^a série, Janeiro e Fevereiro de 1934, do *Boletim* da Sociedade de Geografia de Lisboa).